

Silêncio

Pedro Pereira

A linha do horizonte confunde-se com os contornos da casa, não que não houvesse mais mundo além dela, mas ela, a casa, vestida de uma áurea de intensidade primordial, era o único mundo visível, naquele dia, naquela rua. Do Sol, da chuva e do vento, não vemos senão a sombra, a água e a dança, a dança nua das cortinas, só temos olhos para a casa.

Desenhada com uma simetria quase irreal, a casa quase pedia para ser dobrada, vincada com a unha na dobra axial, procurando as diferenças liliputianas, não fora o jacarandá, ainda que nascido nesse limbo, contudo com raízes e galhos sem plano nem ordem humana, salvo os dois ramos cortados que faziam a vez dos pilares da cabeceira da cama. Porém, não fiquemos à porta, entremos, entremos, mas pela porta das traseiras, pois, como contaremos mais à frente, a porta da frente está reservada para outras viagens e não para incursões clandestinas como aquela que vamos fazer. Se tivermos mão nesta história, não visitaremos a cave, tão pouco o sótão, pois correríamos o risco de chegar a outro lugar ainda. Para já deixemos que os personagens se apresentem: chamo-me Maria, sou parteira...; chamo-me José, sou coveiro.... Bom, somos obrigados a colmatar esta inibição ou ignorância do passado e do futuro, como se só tivessem presente, e temos que dizer, esperando que ambos possam ouvir, o que talvez não saibam ou não foram capazes de dizer.

Maria e José andavam sempre de mão dada, muitas vezes abraçavam-se e talvez um dia se transcendam. No fundo, tinham uma missão semelhante, apesar de laborarem em mundos diferentes, ou nem isso. Dormiam numa cama quadrangular, que quase enchia a sala principal da casa, não fosse uma magra franja perimetral em lã tingida de azul e magenta, e teríamos que dizer que a sala era a cama. Prolongando-se na linha onírica do meio da cama (à esquerda José, à direita Maria), a porta dividia-se em duas partes, cada uma com a sua aldraba, cada uma com as suas três dobradiças, cada uma com sua janela, cada uma com os seus vidros, cada uma com sua portada, a da esquerda quase sempre fechada, a da direita quase sempre aberta. De qualquer forma, estavam unidas nas margens dos seus corpos pela língua, da fechadura, numa união siamesa que não as deixava existir uma sem a outra, pois só se fechavam e abriam em conjunto. Às vezes, os desesperados entravam na porta, na casa e na vida de Maria e José e caíam na sua cama, umas vezes mais para um lado, outras vezes mais para outro. Por vezes, era Maria que cuidava destes viajantes, outras José. Não fora Maria e, primeiro Jorginho, mais tarde Paulinho, não teriam tempo para contar outras histórias. Foram as suas mãos de parteira que resgataram os seus corpos ainda com sangue e já com terra, a mesma das mãos de José, então apoiado na pá.

Assim, a quadratura do espaço num tempo circular: a cama acolhia os vivos e os mortos, aqueles unguídos de uma morte anunciada desde o silêncio e estes unguídos de uma vida anunciada até ao silêncio. Assim, a vida de Maria e José: pozinho, pó; dia, noite; dar, devolver; Maria, José; riso, choro; sozinho, só; nascer, morrer.

Devíamos ter matado esta história aqui, mas um vocábulo entalado na boca entreaberta de espanto de José faz pensar que ainda tenha uma palavra a dizer, deixemo-lo falar, não vá ser a última ou, ainda pior, ter uma palavra a dizer nesta história, só tenho olhos para ti. E com isto acabávamos não fosse a comoção nos olhos de Maria escorrer até aos lábios e devolver-lhe a

palavra, também só tenho olhos para ti. Trocada esta sintonia de afetos, José insistiu, é que eu não vejo mais nada senão a ti. Como está bom de ver, esta teimosia afetiva, que não deixa quem lê ou escreve a salvo, se não for maior do que a afetividade é seguramente maior do que o papel que estava reservado a José nesta história.

É Maria quem vai à proa, ondula o vestido e o corpo, no contorno do fundo da cama e José repete-lhe este gesto, e outros, numa ginástica sincronizada ao longo do quarto, da casa e do dia. Está de chuva. É? Não vejo nada. E as lágrimas descem pela cara de Maria desaguando nas mãos de José. Já é de noite? Que dia é hoje? E um repetido franzir da testa cava na pele, de Maria, sucos secos, que esperam as mãos de José e dos dias. Lembra-me os montes e os vales, as florestas e as florestações e os lugares recônditos dos dias claros. E Maria tira a roupa, guia-lhe as mãos pelo seu corpo, colo e ventre, cabelos longos até outras pilosidades menores e por fim... E paramos aqui, não por pudor, mas por porque José traz as palavras de volta aos lábios e as lágrimas aos olhos. Aqui e agora, o teu corpo é a fronteira do meu mundo, José ainda em lágrimas, agarrado ao tronco do Jacarandá.

Bom, deixemos que este dilúvio nos atravessasse e sigamos de mão dada a José, de mão dada a Maria. Larguemos-lhe a mão (ele também não vai longe) para que possa enxugar as lágrimas à manga, deixemo-lo desabafar antes de seguirmos viagem. Inusitadamente, de volta ao tronco do Jacarandá, José pela árvore abaixo, e nós com ele, num vertiginoso e labiríntico itinerário até aos extremos das raízes do Jacarandá, e de José. Só tenho olhos para ti. A voz perdeu gravidade e ganhou assombro, pois é Maria quem fala, perante o olhar vivo de espanto de José. Olhos e visão enxutos, é a sua voz que nos leva pelas mais recônditas regiões que ele nem se lembrava que faziam parte do país da sua vida. Tanto tempo a abrir covas, descer até sete palmos, em seguida subir, e agora tem de ir bem mais fundo, não sabendo se conseguirá erguer-se. Penetremos no inorgânico mundo de José, é ele que segue ao leme, atrás Maria e nós mais atrás, seguros que José não olhará para trás, senão pode ser o fim.

Primeiro, o cabo do medo, o desta viagem e todos os outros medos subterrâneos, juntos por simpatia. José caminhou desde o fim até ao cabo de todos os seus medos, de nascer e de morrer, da solidão e do fim da alegria, do início da noite e do fim do dia. Os grandes e os pequenos unidos numa secreta irmandade, com juras confidenciais de nunca revelar a natureza e identidade. E o medo do próprio medo, que o visitava na lonjura de algumas noites de insónia.

Depois, o cabo das lágrimas, desta viagem e todas as outras lágrimas, juntas por simpatia. Não falando das lágrimas de vida, juntas por cumplicidade daquelas que caíram depois de terem fugido a primeira bola, o primeiro amigo e o primeiro amor. Por fim, o cabo do espanto, o desta viagem e todos os outros, unidos pela fantasia. O espanto do brotar da primeira rosa, no jardim junto ao banco de pedra e das flores do Jacarandá em tons de azul em flirt contínuo com o lilás. O espanto do nascer de cada dia, naquela oração matinal orquestrada por pássaros em delírio, devotando cânticos matutinos a uma divindade desconhecida ou à própria natureza, que para eles, e para outros, seria o mesmo. O espanto de Maria chamar, todos os dias, o seu nome, o seu corpo e de, nesta viagem, seguir cegamente à luz da sua lanterna, por caminhos invisíveis de territórios sem fronteiras, nem ordem, nem lei.

Claro que neste mundo interior, nesta cave da casa da memória de José há outros países sem nome, regiões com cabos de medo, lágrimas, espanto e outros sem nome, mas nós paramos aqui porque Maria apresenta sinais de uma languidez que faz pensar o pior. Quem quiser que

faça viagens internas, por sua conta e risco até aos interstícios da sua arca de recordações.

Talvez tenha sido o enredo ou a vertigem da expedição, ou a mão que se desligou da mão de José, e Maria encontrou-se debruçada num precipício de desfalecimento. O silenciamento da nossa voz impede que os nossos gritos sejam audíveis, alguém deita uma mão a Maria! Ainda acontece uma fatalidade! E aconteceu. José não ouviu as palavras de alerta, tão pouco a profecia, mas sentiu o apelo do corpo, olhou para trás, procurando religar a mão na mão. As mãos interlaçadas não impediram a queda, mas aproximaram os corpos, para lá de todos os cabos, até ao fundo do fundo sem fundo.

Com rigor apenas podemos repetir a última pergunta de José com a voz a tender para o silêncio, será preciso morrer para nascer de novo?. Fosse a cartilha de verdade desta história dizer as coisas como elas são e aquele ponto final para lá fim seria o fim. Prosseguimos. É certo que José e Maria nunca mais foram vistos em casa. Mas a casa abandonada acolhia amantes nómadas, uns partiam outros chegavam, passavam uma noite em silêncio abraçados ao Jacarandá e, alguns, juravam que eles voltavam todas as noites e contavam a história de um amor sem fim. Alguns juravam ouvir rumores de vozes, sem corpo nem tom, sem sexo nem idade, sem gramática nem fim. Aproximemo-nos da Árvore à espera até que desta se faça esperança e nesta nasça essa doce melodia.

José e Maria amavam-se nos fins de tarde de outono, quando as labirínticas sombras de um Jacarandá da Baía desenhavam estranhas formas no corpo desnudado de Maria que, arrepiado de uma solidão breve, exalava um perfume que se desvanecia lentamente, levado ao colo de uma brisa em ondas de musicalidade que o lume dos corpos roubou ao tronco do Jacarandá. Um dia soltaram as rédeas dos corpos, sem freio repetiram gestos frenéticos não como se não como se não houvesse amanhã, mas desejando que estes gestos se pudessem repetir eternamente. Sentiram os seus corpos sucumbirem numa queda original até mais profundas raízes da árvore e depois, guiados por uma voz etérea subirem até aos galhos mais finos do Jacarandá, tingindo-o de azul lilás. Só tenho olhos para ti, repetiram em unísono. Os corpos saturados de vida desenhavam cada movimento em unísono, havendo quase uma eternidade em cada gesto (usamos o advérbio quase, não vá alguém duvidar da humanidade deste par, senão mesmo que são um par), fazendo dele verdadeiro.

Aqui e agora, a solidão sem língua, qualquer palavra seria um excesso e nenhuma palavra poderia ser a mensageira do significado de um qualquer significante. Aqui e agora, a harmonia infundável do mundo: à noite Maria morria nos braços dele e de manhã ele nascia no colo de Maria. Aqui e agora, José e Maria despediam da sintonia da respiração, da sintonia do coração até à absoluta ilusória harmonia: um só corpo, um só respirar, um só coração, silêncio, silêncio, silêncio.